

Reunião de 15 de fevereiro de 2025 da congregação CRSD

Tema: Peregrino da Esperança

A esperança é uma das três virtudes teologais que o Papa Francisco define como “a menor das virtudes, mas a mais forte” porque, segundo ele, tem um rosto: o do Senhor Ressuscitado, (Angelus de 15 de novembro de 2015) que nos convoca e não decepcionará nossas expectativas.

Nosso mundo de hoje tem grandes expectativas, e essas expectativas estão se multiplicando diante dos muitos males que estão danificando, e levando a uma perda de sentido. Esses males são chamados: o choque de armas, a morte, a destruição, o ódio ao semelhante, a fome, a “dívida ecológica”, a queda da taxa de natalidade, a migração, para citar apenas alguns. Os apelos em favor dos prisioneiros, dos doentes, dos idosos, dos pobres, dos jovens e dos migrantes são prioridades que somos convidados a abraçar como novos areópagos.

Diante desses muitos lugares de morte que põem à prova a experiência da fé, a esperança brota do coração de crentes como nós para dizer ao mundo sofredor que Deus sempre cumpre sua promessa. Certamente em seu próprio tempo, mas ele sempre a cumpre. Daí a relevância do convite atemporal do salmista: “Sejam fortes e corajosos, vocês que esperam no Senhor”! (Sl 27:14)

Para os cristãos, então, a esperança é como uma força motriz que nos permite olhar para cada pessoa e para o mundo com olhos renovados na paixão, morte e ressurreição de nosso Senhor Jesus Cristo. Dessa forma, a esperança aparece como uma maneira de olhar para a vida e suas dificuldades não como um mal, mas como uma promessa de vida. A partir de então, somos preenchidos com aquela pequena voz que nos assegura que nada está perdido para Deus.

Mas então, quem falará dessa promessa de vida a este mundo em dores de parto? Quem fará de si mesmo “a boca dos infortúnios que não têm boca? Quem fará de sua voz “a liberdade dos que se afundam no calabouço do desespero” (expressão citada por Aimé Césaire!)?

Como parte desse processo de reapropriação da virtude da esperança, o Papa Francisco nos convida a dar uma olhada na vida dos santos que permaneceram perseverantes na esperança. A esse respeito, o testemunho de nosso pai São Domingos de Gusmão continua sendo um dos mais edificantes.

De fato, em uma visão que teve enquanto rezava na Basílica do Vaticano, Domingos viu São Pedro entregar-lhe o cajado de peregrino, enquanto São Paulo lhe dava o livro do Evangelho e ambos exclamavam: “Vá e pregue, pois Deus o escolheu para esse ministério”. Não é preciso dizer que Domingos foi consagrado um peregrino da graça e, portanto, um peregrino da esperança a ser semeada no coração de cada homem e mulher de seu tempo. Foi isso que ele fez durante toda a sua vida, o que lhe valeu o nome de “o homem com as solas dos pés ao vento”. Essa é a nossa herança, e esse também é o nosso DNA como irmãs da CRSD. Tornar-se peregrinas, sempre a caminho para semear a esperança no coração de nossos contemporâneos.

Evidentemente, é isso que já estamos fazendo. Ad intra: através do cuidado de nossas comunidades, de nossas irmãs idosas, de nossa preocupação com o bem comum, com o corpo da congregação, etc.; ad extra: através das nossas várias missões de pregação explícitas e implícitas nos vários areópagos aos quais já estamos acostumadas, indo constantemente às fronteiras existenciais para fazer contato com aqueles que estão perto de nós e com aqueles que estão longe, em nosso serviço pela justiça e pela paz e em nosso desejo de percorrer novos horizontes.

No entanto, precisamos reacender a esperança que há dentro de nós “ousando com mais audácia” (Brené Brown) para partir fisicamente, espiritualmente, moralmente, como bons peregrinos em busca de Deus... Para fazer isso, precisamos sair de nossa zona de conforto, de nossas certezas, de nossos projetos bem estabelecidos, de nossas realizações, de nossos medos... e partir para o desconhecido como Abraão, esperando contra toda esperança. Domingos fez isso ousando dispersar seus irmãos quando todos ao seu redor o estavam dissuadindo de fazê-lo. Ele enviou-os como peregrinos da esperança pelos caminhos deste mundo, contando com aquele que é a esperança, porque a esperança não é uma palavra vazia, é uma pessoa, Cristo. E a esperança de Domingos não foi decepcionada, pois, como Abraão, nosso pai na fé, ele alcançou graça após graça e uma multidão de filhos e filhas.

O desafio para nós hoje, como filhos e filhas de São Domingos, seria, como diz o Cardeal Godfried Danneels, Arcebispo de Malines-Bruxelas - por analogia com a Igreja - “aprender a evangelizar sem transmitir a intolerância. Aprender como o Evangelho pode ser anunciado em um ambiente onde coexistem tantas convicções filosóficas, tantas formas de fé e crença diferentes. Aprender... como a preocupação legítima de não ofender os outros em suas convicções não nos leva a mergulhar “por vergonha ou medo - na indiferença, no relativismo ou na preguiça”. Em outras palavras, que sejamos “evangelistas transparentes, que saibam dar testemunho com humildade e serenidade, que se sintam gratificados por uma harmonia infalível entre nossa vida e nossas palavras, entre nosso ser e nossa aparência”. (Imagem de São Domingos!)

Sem nos ancorarmos em nossos hábitos ou em nosso passado, somos continuamente convidados a “deixar-nos recondicionar pela graça de Deus”. O padre Roberto Pasolini, o novo pregador da Casa Pontifícia, dirá em seu sermão do Advento de 2024: “Há muitos ‘nãos’ esperando para serem ditos, não apenas contra o mal explícito, mas também contra o mal sutil que é o hábito de continuar as coisas sem nunca ter a coragem de repensá-las seriamente e fazê-las juntas. Mas para pronunciar esses “corajosos não”, temos que acreditar que Deus está trabalhando em nossa história e que “o melhor ainda está por vir”. Deve-se notar também que há muitos “sins” a serem pronunciados!

Permanecendo firmes em nossa esperança, podemos ousar dizer que, apesar dos ventos contrários que estão sacudindo o mundo, a Igreja e a vida consagrada hoje, apesar do declínio das vocações, do envelhecimento da Igreja e, às vezes, também da perda de credibilidade e da impressão de que a vida religiosa está desaparecendo, e que a esperança do mundo está diminuindo como resultado; não há como negar, no entanto, que estamos em uma encruzilhada da graça! Tudo depende do ponto de virada e da ancoragem que tomamos como peregrinos rumo a novos horizontes, físicos ou não, interiores ou exteriores.

Como o grão de trigo que caiu na terra e dará frutos a seu tempo, quer o agricultor esteja dormindo ou não, somos convidados a nos preocupar com a semeadura bem feita; o resto pertence àquele que faz com que tudo aconteça em seu próprio tempo. (Adágio africano) Esse é um convite à Paciência, o outro lado

da perseverança, que é a virtude fundamental de que nosso mundo mais precisa para fazer o tempo de Deus acontecer.

Irmã Florence ROKO o.p.